

tos válidos para o desenvolvimento de tais métodos e tampouco podem ser implementados por meio de um decreto lei”, diz. E acrescenta, “não vislumbramos em um futuro próximo a abolição total da experimentação com animais. Podemos dizer que a evolução da ciência busca novos conhecimentos e o aperfeiçoamento de nossos trabalhos atuais. A busca por alternativas ao uso de animais em experimentação é sempre vantajosa, pois deixaremos de infringir sofrimento e dor aos animais não-humanos, já que somos responsáveis e temos o dever de protegê-los”.

Para Marcel Frajblat, pesquisador do Laboratório de Biotecnologia da Reprodução/Biotério da Universidade do Vale do Itajaí e presidente do Cobeia, o uso de alternativas viáveis promoverá o desenvolvimento da ciência da mesma forma que o uso de animais. “Mas é importante deixar claro que existem poucas alternativas validadas que substituem completamente o uso de animais”, lembra. Para ele, será muito difícil conseguir produzir um método alternativo que reproduza precisamente o funcionamento do corpo humano ou animal. “Algumas etapas do processo científico poderão ser substituídas, mas, provavelmente, haverá a necessidade do teste em animais. A abolição do uso dos animais deve vir junto com a abolição da necessidade de seu uso. Não podemos abolir o uso de animais enquanto houver esta necessidade”, acredita.

Nereide Cerqueira

MEDICINA ALTERNATIVA

Falta discussão sobre pesquisas com animais

O debate sobre a utilidade e necessidade de experimentos com animais está fortemente atrelado à medicina convencional. Mas qual é o posicionamento da medicina alternativa em relação a essa questão? À primeira vista, pode parecer que, para ser coerente com o nome, essa medicina seja contra o uso de animais. No entanto, essa não é a visão, necessariamente, da maioria, alerta Robbert van Haselen, em editorial publicado no *Complementary Therapies in Medicine* (março, 2008), periódico científico inglês.

A busca por uma resposta surgiu quando Haselen, que pertence ao Instituto Internacional de Medicina Integrada (Intmedi, na sigla em inglês), teve de decidir se um artigo que envolvia o uso de animais deveria ou não ser publicado. Para chegar a uma conclusão, ele teve de explorar o assunto a fundo. O primeiro passo foi retomar as normas internacionais de uso de animais em pesquisa biomédicas, como as divulgadas pelo Conselho para Organizações Internacionais em Ciências Médicas (Cioms). Em resumo, a entidade defende que se evite, sempre que possível, o uso de animais em experimentos, mas, em caso de necessidade, o sofrimento e dor devem ser suprimidos e minimizados, além de ser providenciado tratamento e

acondicionamento apropriados. A filosofia desse e de outros periódicos de medicina alternativa é de que estudos que fizeram uso de animais podem ser publicados, desde que demonstrem a impossibilidade de realização da pesquisa com métodos alternativos e que seja comprovado o benefício científico. Haselen passou, então, a questionar se os chamados benefícios científicos seriam julgados de forma diferente para terapias de medicina alternativa (CAM, Medicina Complementar e Terapêutica, na sigla em inglês) e se seriam necessárias normas específicas de utilização de animais, questões que ele apresentou aos membros do Conselho Internacional e aos editores associados de seu periódico. Houve, evidentemente, quem fosse contrário ao uso de animais em experimentos, mas Haselen lembra que o mesmo ocorre fora da comunidade de CAM. A maioria, no entanto, apontou que os animais são importantes na pesquisa e que não é preciso desenvolver regras diferentes das aplicadas na pesquisa de medicina convencional. Embora sua amostra tenha sido pequena (15), Robbert Haselen acredita que “é preciso refletir, de forma clara e aberta, sobre o que consideramos um uso ‘apropriado’ de animais em pesquisa de CAM”. Ele enfatiza, ainda, que, para a maior parte das terapias alternativas, a discussão ainda é incipiente ou mesmo inexistente.

Germana Barata